

PIONEIROS

Histórias de quem fez Brasília

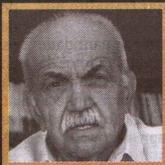


Para se aventurar no Cerrado durante a construção ou nos primeiros anos da nova capital era preciso ter coragem. Mas nada foi impedimento para os primeiros moradores da cidade. É na lembrança de cem desses desbravadores que a série *Pioneiros — Histórias de quem fez Brasília* se baseia para homenagear todos aqueles que contribuíram para a consolidação da capital no interior do país.

Adalberto
Lassance



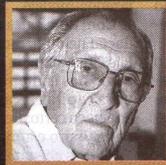
José Hélder
de Souza



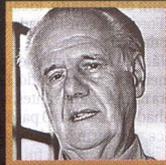
Léa
Portugal



Lucídio
Albuquerque



Rubens
Milton Pinto



PIONEIROS



Adalberto Lassance de Albuquerque

Os limites de Brasília palmo a palmo

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

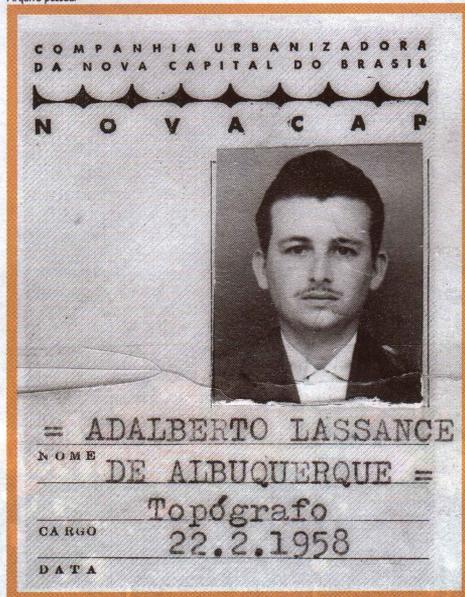
O contorno geográfico de Brasília, obtido com a demarcação do terreno, tem a precisão e o traço minucioso deste pioneiro, que, desde os primórdios da construção da cidade, se empenhou na elaboração e no desenho dos inúmeros projetos cartográficos da nova capital.

A chegada do topógrafo Adalberto Lassance de Albuquerque à cidade aconteceu em 7 de fevereiro de 1958 e ficou gravada em sua memória. Debaixo de uma chuva torrencial, muita lama e depois de empurrar por várias vezes seguidas a jardineira que o trazia, ele se rendeu ao cansaço. No meio da escuridão, atraído pela luz do Petromax — o melhor e mais moderno lâmpião a gás da época — ele seguiu até o Hotel Batatais, na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante), para um merecido repouso.

Ao entrar no hotel, foi logo reconhecido pelo colega de turma da 3ª série do Ginásio Arquidiocesano do Planalto, localizado em Formosa, considerado o melhor das redondezas.

Não era a primeira vez que o pioneiro pisava o cerrado. Ele estivera na região anos antes, acompanhado da família. O pai de Lassance, o veterinário Julio Brandão de Albuquerque, foi responsável pela construção de uma fazenda em Planaltina de Goiás, atual cidade-satélite, onde hoje está a Embrapa. Antes disso, a

Arquivo pessoal



família chegou a morar em Goiânia, onde o pai foi diretor de uma fazenda-modelo.

Com uma carta de recomendação na mão, escrita pelo pai, Lassance saiu em busca de trabalho nos canteiros de obra da nova capital. A carta tinha um endereço certo: Bernardo Sayão, engenheiro e amigo de seu pai — os dois chegaram a se hospedar na casa do engenheiro em Goiânia e na colônia agrícola de Ceres, cidade que Sayão fundou. Após uma conversa informal

com o motorista do engenheiro, o topógrafo mudou de ideia e resolveu arranjar trabalho por conta própria.

O movimento e a quantidade de gente nos acampamentos da Novacap atraíram o candango, que mais uma vez foi reconhecido por outro colega de turma do ginásio, que o apresentou ao pessoal da Novacap. A sorte estava do seu lado. E foi lá, na Divisão de Engenharia Rural do Departamento de Terras e Agricultura da Companhia Urbanizadora da

ADALBERTO GUARDA COM
ORGULHO A CARTEIRA DA
NOVACAP, DE 1958

Nova Capital, que ele deu início a uma brilhante carreira.

Seu primeiro e talvez mais desafiante trabalho na capital federal foi o desenho do projeto da estrada de ferro que ligaria São Paulo a Brasília, que mais tarde daria forma a um outro projeto: o do Park Way, que também passou pelas mãos do pioneiro. A insegurança de Lassance diante da incumbência só não era maior que a responsabilidade pela realização do trabalho, que ele acabou tirando de letra. "Naquele dia em que fui designado para trabalhar no projeto quase não dormi. Passei a noite preocupado em como fazer para que o trabalho correspondesse às expectativas dos diretores", lembra o funcionário da Novacap.

A preocupação dele foi tanta, que chegou a sonhar com uma solução. No meio da noite acordou repentinamente, levantou e, sob a luz de uma lamparina, anotou solução encontrada durante o sonho num papel. No outro dia, com o problema resolvido, deu continuidade aos desenhos da ferrovia da nova capital. Sob os festejos da inauguração, poucos anos depois, em 1968, os candangos assistiam à chegada do primeiro trem, conforme divulgado na imprensa da época: "Malas prontas, máquinas preparadas, cadernetas nas mãos, militares, fotógrafos, repórteres, todos começaram a ficar agitados na altura do quilômetro 20. Muita gente dos dois lados dos

trilhos. Gente do povo, endomingada, mulheres com crianças no colo, escolares com bandeirolas, homens que andaram de ônibus, de caminhão e de carro para saudar o primeiro trem, tão esperado por Brasília".

O projeto de mapeamento do Park Way também data da chegada de Lassance — um de seus ideadores — e foi construído obedecendo em grande parte os limites do traçado da ferrovia de Brasília.

Foi durante os trabalhos de elaboração da planta do Park Way que o pioneiro vivenciou um dos momentos mais importantes e cômicos desde a sua chegada à capital. "Depois de passar horas e horas em cima daquelas pranchetas, levamos a planta para a aprovação e assinatura do trabalho", conta Lassance, que teve de refazer a planta juntamente com os colegas. Com uma gilete, eles rasparam algumas partes, mas o local onde a tinta foi derramada teve de ser mesmo refeito.

O topógrafo conta ainda que a planta do setor era tão grande que tiveram de levar a prancheta para o chão. A assinatura e a aprovação do projeto pelo chefe da Novacap compensaram todo o trabalho, e a planta não poderia ter sido lançada em data melhor: no dia da inauguração da rodovia Brasília-Anápolis.

PIONEIROS

Debaixo de uma grande chuva, o pioneiro chegou a Brasília em 1958. Trabalhou na Novacap, onde ficou responsável pelos projetos da estrada de ferro e do Park Way

“
DEPOIS DE PASSAR
HORAS E HORAS
EM CIMA
DAQUELAS
PRANCHETAS,
LEVAMOS A
PLANTA PARA A
APROVAÇÃO E
ASSINATURA DE
ISRAEL PINHEIRO
— ENTÃO
PRESIDENTE DA
NOVACAP. APÓS
ANALISAR O
PROJETO, ELE
PEGOU UMA
CANETA
BICO-DE-PENA
PARA ASSINAR. A
CANETA FUROU O
PAPEL E SUJOU
PARCIALMENTE O
TRABALHO”



ADALBERTO NÃO SE ARREPENDE DE TER VINDO PARA BRÁSILIA, ONDE FORMOU SUA FAMÍLIA E MORA ATÉ HOJE

Resistência

As dificuldades da época não desanimavam o pioneiro que ficou os três primeiros meses de trabalho sem receber salários. A sorte mais uma vez esteve do seu lado. O colega de turma Jairo Mendes, que trabalhava no hotel, “a quem guarda imensa gratidão”, pendurou a conta do hóspede e garantiu a sua estada durante todo o período. Depois disso, Lassance tratou de mudar para as proximidades do local de trabalho — nos acampamentos da Novacap. “Era um apartamento de bom tamanho, destinado aos funcionários. Era muito bom. A companhia fornecia de tudo, travesseiro de espuma, colchão de mola e até as roupas de cama”, lembra.

A mudança para a quadra 32 da Fundação da Casa Popular — onde hoje é a 711 Sul, em maio de 1958, não diminuiu as dificuldades pela falta de infra-estrutura. Para buscar o pão, tínhamos que atravessar um mar de lama até chegar à Sacolândia, uma padaria de lona no meio do cerrado, onde também se criavam galinhas e porcos.

Com o passar do tempo, o crescimento da população local atraiu os vendedores ambulantes. Foi assim que Lassance comprou os primeiros móveis da casa, por meio de comerciantes de Minas e Goiás que traziam as novidades mais quentes do mercado. “Eles apresentavam o mostruário para escolhermos, tiravam o pedido e só depois da chegada dos móveis é que assinávamos as promissórias”, explica.

Nascido em Blumenau, Santa Catarina, Lassance ficou pouco tempo na Novacap — cerca de um ano — mas deixou sua marca em inúmeras obras. O acadêmico do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal também integrou a equipe responsável pelos projetos dos Núcleos Rurais.

A saída da companhia não significou fim de carreira, pelo contrário, o pioneiro encontrou na Sobrasil — empresa de engenharia de Goiânia — a oportunidade de coordenar e elaborar a planta cadastral do Distrito Federal como cartógrafo. A desenvoltura e o profissionalismo de Lassance diante da elaboração de mapas,

plantas e projetos de mapeamento e de topografia na região o tornaram um estudioso e consultor de cartografia do Distrito Federal.

Foi por meio de suas palestras que o cartógrafo descobriu a idéia equivocada de professores, alunos e da imprensa sobre a organização política e administrativa de Brasília e do DF. O autor do livro *Brasília e Distrito Federal — Imperativos Institucionais*, lançado no ano passado, esclarece as principais dúvidas sobre os limites geográficos da região e adverte aos leitores: “Precisamos conhecer melhor o nosso território e suas particularidades, para legar à atual e às gerações futuras um entendimento correto sobre a história, a organização político-administrativa e institucional e as singularidades que são inerentes ao Distrito Federal e a Brasília”.

Casado com Lurdes Lassance, o defensor e entusiasta de Brasília considera sua mudança para a cidade a grande chance de sua vida. “Eu não sei o que seria de mim se não fosse a minha vida para cá”, afirma o pioneiro.

Raio X

Nome: Adalberto Lassance de Albuquerque
Idade: 66 anos
Origem: Blumenau, Santa Catarina
Ano de chegada a Brasília: 1958
Profissão: Funcionário público aposentado
Esposa: Lurdes Lassance
Filhos: Adalberto Jr., Guilherme e Maria das Graças
Netos: Eduardo, Thaysse e Bárbara

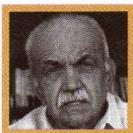
Expediente

Coordenação do Projeto João Lobo Edição Rozane Oliveira Reportagem Bianca Chivacatti, Stela Maris Zica e Vinicius Nader Fotos Daniel Farias, Arquivo Público do Distrito Federal. Arquivo pessoal dos pioneiros e do Correio Braziliense Revisão João Neto Diagramação Glauco Gonçalves Projeto Gráfico Ary Moraes

Agradecimentos ao Clube dos Pioneiros e à Associação dos Candangos e Pioneiros de Brasília pela ajuda na identificação e escolha das entrevistados



PIONEIROS



José Hélder de Souza

Projeto socialista da cidade encantou o pioneiro

Arquivo Público

BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

Antes de chegar a Brasília, em julho de 1960, o jornalista José Hélder de Souza já acumulava nove anos de carreira, com passagem pelos jornais *Democrata*, *O Povo*, *O Estado* e *Diários Associados*. Vivia em Fortaleza, no Ceará. Ouvia falar da nova capital pelas notícias que saíam na imprensa de todo o país. A mudança do Distrito Federal para o Centro-Oeste era o assunto do momento.

Insatisfeito com os empregos oferecidos na capital cearense, fazia planos de se mudar para São Paulo, onde também vivia o amigo Ari Cunha. Os dois haviam se conhecido no jornal cearense *O Estado*, pouco tempo antes.

O encontro com o amigo em São Paulo, entretanto, fez com que José Hélder mudasse o rumo de seu destino mais uma vez, colocando Brasília em sua vida. "Ele já se encantava com o projeto socialista que a cidade tinha e lia tudo que saía nos jornais sobre a construção da cidade", revela a esposa, Maria Neide Eleutério de Souza, que na época era sua namorada.

A chegada à cidade não impressionou o jornalista. Brasília já estava inaugurada e, portanto, os Ministérios e o Congresso Nacional já funcionavam normalmente. Os eixos e parte da W3 Sul já estavam asfaltados. O excesso de poeira, que para muitos na época representava um grande



incômodo, para Hélder era apenas um mito. "Havia poeira, sim, nos locais próximos aos canteiros de obras, mas nada que incomodasse tanto", diz.

O sentimento de solidão que muitos pioneiros sentiam devido ao afastamento da família também não teve lugar na história de Hélder em Brasília. Além do amigo Ari Cunha e outros conterrâneos com os quais depois se en-

controu, aqui já residia um parente, o primo Colombo de Souza, que na época exercia um mandato como deputado federal. Por causa do cargo, Colombo morava em um apartamento na 208 Sul, local onde Hélder passou os primeiros dias na cidade.

Oportunidades

A diferença de salário oferecida para as pessoas que aceitavam o

desafio de participar do desenvolvimento da nova capital federal está registrada na carteira de trabalho do jornalista. A mudança para cá e a entrada no **Correio Braziliense**, primeiro jornal criado na cidade, fizeram com que Hélder passasse a ganhar seis vezes mais que o salário que recebia para trabalhar em Fortaleza.

O benefício financeiro, entretanto, não era a única vantagem

JOSÉ HÉLDER (FUMANDO À ESQUERDA) COM OS COMPANHEIROS DO CORREIO BRAZILIENSE

que a mudança para Brasília dava aos profissionais. O trabalho também era algo extremamente gratificante, principalmente nas áreas de atuação ligadas às

PIONEIROS

Em 1960, o jornalista decidiu mudar do Ceará para São Paulo, mas, por influência do amigo Ari Cunha, desviou o rumo de seu destino para o Planalto Central

decisões políticas, que passaram a ser tomadas aqui e não mais no Rio de Janeiro.

Na carreira de Hélder, por exemplo, isto significou a passagem de redator para secretário de redação. O ofício na época tinha peso de chefia. Era ele quem escolhia as matérias que iriam sair no jornal do dia seguinte e também as distribuía nas páginas do veículo. "Fiz parte da primeira equipe do *Correio Braziliense*, quando o prédio do jornal tinha apenas dois andares", conta com orgulho. "Ao redor do prédio, no Setor de Indústrias Gráficas, ainda não tinha nada construído."

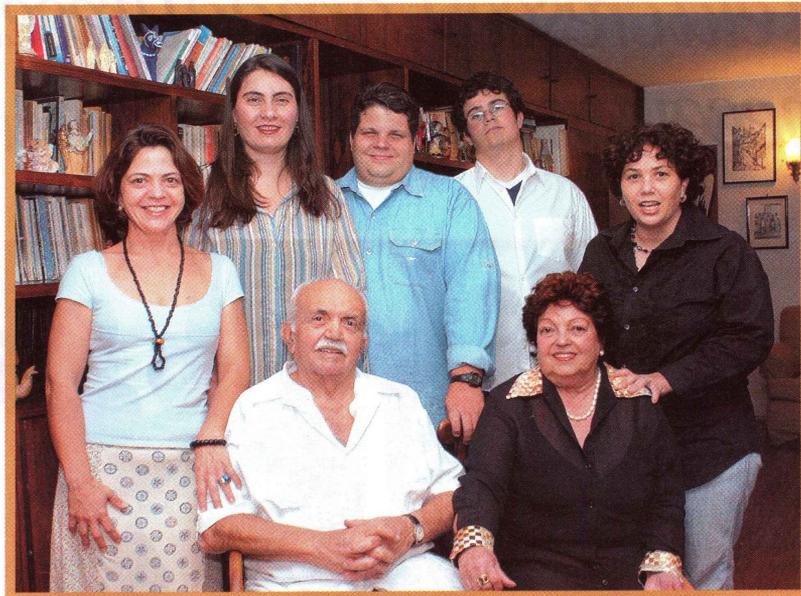
Hélder se lembra também de pelo menos um nome de profissional que chegou desconhecido a Brasília e se tornou um grande jornalista — José Leão Filho. "Ele veio de Goiânia com quase nenhuma experiência e foi formado pelo *Correio Braziliense*."

Asa Norte

Com ajuda do amigo Ari Cunha, a primeira moradia de Hélder foi no Dó Ré Mi, um alojamento com apartamentos especiais que ficava ao lado do Brasília Palace Hotel. O lugar contava com os mesmos serviços do hotel, mas oferecia maior privacidade às pessoas hospedadas.

Em 1961, Hélder decidiu voltar ao Ceará para casar-se com a noiva, Neide. Na volta para Brasília, o casal moraria no Dó Ré Mi até que alguma moradia fosse disponibilizada para os dois. A cidade permanecia incompleta, com a Asa Norte quase inteira por construir. E os apartamentos que ficavam prontos primeiro eram entregues aos funcionários do governo federal.

Com a ajuda do jornal e de Ari Cunha, novamente, porém, os



JOSÉ HÉLDER VEIO
PRIMEIRO DO CEARÁ,
DEPOIS BUSCOU A
NOIVA NEIDE E AQUI
CONSTRUIU SUA VIDA
E SUA FAMÍLIA

recém-casados conseguiram um apartamento na Asa Norte, em uma das poucas quadras que já estavam construídas: 404. A L2 Norte ainda não tinha asfalto e não existia nenhuma construção entre a avenida e a Universidade de Brasília. "Acompanhamos todos os acontecimentos da universidade pela janela de casa", conta Neide. "Desde a construção dos prédios até a invasão do Exército", completa.

Enquanto moravam na Asa Norte, Hélder e Neide puderam acompanhar de perto também o nascimento da avenida W3 Norte. Quando o casal se mudou para a superquadra 404, não havia ainda nenhum movimento na avenida. O que levou vida para ali foi a abertura de um bar, por um contêrrâneo, do qual Hélder não se recorda do nome, na altura da 502. "A rua ainda estava sendo preparada para pavimentação", revela o jornalista.

“
HAVIA POEIRA,
SIM, NOS LOCAIS
PRÓXIMOS AOS
CANTEIROS DE
OBRAS, MAS
NADA QUE
INCOMODASSE
TANTO
”

Cultura

A inauguração da UnB, em 1960, foi um grande acontecimento para os profissionais ligados à literatura que residiam em Brasília. A

abertura da universidade atraiu vários intelectuais para cá. Como a cidade possuía poucos habitantes, todos se encontravam. Uma das casas mais frequentadas, segundo Neide, era a de Zanini Caldas, professor da UnB na época. Uma das personalidades que sempre estavam presentes nestes encontros era Darcy Ribeiro. "Ele era muito comunicativo e agradável", recorda.

A chegada destes intelectuais gerou uma série de acontecimentos culturais, como as sessões de cinema realizadas semanalmente na Escola Parque da 508 Sul e a fundação da Associação Nacional de Escritores, que durante muito tempo funcionou nos porões do Teatro Nacional.

A agitação cultural e a participação ativa de Hélder em todos os eventos desta natureza levaram-no a criar o caderno Cultural do *Correio Braziliense*, que divulgava as obras feitas pelos moradores de Brasília.

Raio X

Nome:
José Hélder de Souza
Idade:
72 anos
Origem:
Massapé, Ceará
Profissão:
Jornalista
Ano de chegada a Brasília:
1960
Esposa:
Maria Neide Eleutério de Souza
Filhos:
Zuleika, Adriana, Tereza e Pedro Olavo
Netos:
Vitor e Cecília



Léa Portugal

Estudante de
e, depois de fo

Aqui ela cresceu, amadureceu e conheceu o melhor do ser humano

Arquivo Pessoal



VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

“Que desolação”. Essa foi a frase que Léa Portugal lembra ter dito a bordo do avião que a trazia do Rio de Janeiro para Brasília aos 17 anos de idade. O mar de terra vermelha, única vista que ela tinha da janela da aeronave, aumentava ainda mais a angústia da jovem que trocava seu estado natal pela recém-inaugurada capital da República no dia 1º de setembro de 1960.

Léa Portugal veio para Brasília acompanhando o pai aposentado e a mãe servidora da Justiça Eleitoral transferida e deixou para trás uma cidade praiana, com um cenário perfeito para a adolescente estudante de jornalismo da PUC carioca. A única irmã já era casada e ficou por lá mesmo. “Conversávamos muito em casa sobre a possibilidade de eu ficar no Rio de Janeiro, morando com algum parente, mas chegamos juntos à conclusão de que era realmente melhor eu vir para cá”, conta Léa, sem nem um pingo de arrependimento. “Foi em Brasília que eu cresci, amadureci e conheci o melhor do ser humano”, afirma ela.

A universidade de jornalismo realmente ficou para trás. Léa ainda estagiou na sucursal do *Diário da Manhã* aqui, em uma época “que tínhamos que ir para

uma agência dos Correios para telegrafar nossas matérias”. O desgosto com a mudança durou pouco e logo Léa estava acostumada com a nova cidade e impressionada com algumas coisas que a fascinam até hoje. “O pôr-do-sol de Brasília, o encontro das culturas de várias regiões do Brasil e jornaleiro em cada quadra residencial me conquistaram”, enumera.

Se a carreira de jornalismo não deu certo, não podemos dizer o mesmo da advocacia. Léa Portugal se orgulha de ter prestado o primeiro vestibular da Universidade de Brasília (UnB), em 1962. “Éramos, no máximo, 500 alunos matriculados nos poucos cursos oferecidos, mas conscientes da importância que representávamos”, conta ela, que classifica toda aquela geração como uma

mesma turma de contemporâneos, independentemente do curso. Léa afirma que aquele foi um tempo marcado pela esperança e pela busca por algo novo e o considera como a grande época de sua vida. A universidade era um verdadeiro teste para todos — professores e alunos. “Era a primeira turma da UnB e a primeira vez que uma universidade brasileira adotava o sistema eu-

ropeu de ensino superior, com semestres e créditos”, lembra uma das primeiras advogadas formadas na cidade. E se a infraestrutura não era das melhores — afinal era uma universidade em

LÉA, DE CONJUNTO BRANCO, NA FESTA DA CUMEIRA DO CONJUNTO NACIONAL

journalismo no Rio, ela chegou à cidade com 17 anos. Foi da primeira turma de Direito da UnB formada, passou no concurso para titular do 2º Cartório de Registro de Imóveis de Brasília

LÉA NÃO SE ARREPENDE NEM UM POUCO DE TER ACOMPANHADO OS PAIS NA AVENTURA BRASILENSE

obras constantes — os alunos tinham professores muito bons. “Darcy Ribeiro trouxe os melhores profissionais que ele conseguiu, muitos vindo do exterior”, diz Léa. Outro aspecto que chama a atenção dela é a cooperação que havia entre os alunos e a universidade. “Os protestos eram políticos, naturais em uma faculdade”, afirma ela, garantindo que material não era problema. “As vezes chegávamos em uma sala e ela ainda não estava pronta. Mas ninguém se importava em mudar de sala para ter aula”, lembra. Quando a outra sala também não estava pronta, não tinha jeito: a aula era dada no gramado mesmo. “Aí dizia-se que estávamos na *pastus* e não no campus da universidade”, diverte-se, com seu marcante bom humor.

Aos 18 anos, Léa casou-se com o primeiro de seus três maridos e mudou-se para uma casa térrea na 708 Sul, quadra onde moravam os arquitetos que criaram a cidade. Nessa época, a estudante foi vizinha de homens da maior importância para Brasília, como Oscar Niemeyer e Athos Bulcão, para citar apenas alguns. “Essa convivência com tanta gente interessante acabou aguçando meu senso estético”, avalia. Isso sem falar nas amizades conquistadas naquela quadra que duram até hoje e fazem de Léa a vice-presidente da Fundação Athos Bulcão. Foi também aos olhos desses arquitetos e pelas mãos de um exporteiro, que acabou se tornando advogado, que Léa aprendeu a dirigir em um jipe. “Era engraçado aprender a dirigir em um local como Brasília, um poeirão com barro para todos os lados”, lembra, acrescentando que, por cau-



sa da terra, o carro escorregava muito nos dias de chuva. Para se divertir, um dos pontos preferidos dessa turma era ir a um dos locais que mais despertam saudades em Léa: o Brasília Palace Hotel. “O programa era ir tomar um cafezinho lá depois do jantar. Mais tarde, começaram a fazer shows no local”, lembra ela, lamentando o incêndio que destruiu o hotel.

Já formada em Direito, a agora advogada Léa Portugal reuniu uma turma e, juntos, estudaram para o concurso público para titular do 2º Cartório de Registro de Imóveis de Brasília, o primeiro depois da Constituição de 1967. “Esse cartório foi um dos primeiros do Brasil a ter seu titular determinado por concurso público, ato que passou a ser adotado por lei somente com a Constituição de 1988”, afirma. Aprovada no concurso, Léa só não sabia se era bom ou ruim, pois seu cartório seria responsável pelos registros da Asa Norte, Paranoá e Jardins, áreas que, além de sofrer preconceito, ain-

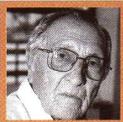
“**ERA A PRIMEIRA TURMA DA UNB E A PRIMEIRA VEZ QUE UMA UNIVERSIDADE BRASILEIRA ADOTAVA O SISTEMA EUROPEU DE ENSINO SUPERIOR, COM SEMESTRES E CRÉDITOS**”

da estavam em construção. “Na Asa Norte tinham o que chamávamos de os *barracos dos mudancistas*, onde morava o pessoal que vinha transferido dos acampamentos da Cidade Livre (Núcleo Bandeirante) para o Plano Piloto. E só”, lembra. Por isso, Léa não podia nem pensar em ter uma estrutura grande logo de cara. “Comecei em uma pequena sala na 103 Norte, com apenas três funcionários”, lembra, ressaltando que um dos funcionários está com ela até hoje e é conhecido no meio como o *Toninho da Léa*. O tempo foi passando, a Asa Norte foi crescendo e o cartório de Léa também. “Crescemos juntos, eu, o cartório e Brasília”, afirma ela, que foi a primeira presidente da Anoreg—BR (Associação de Notários e Registradores do Brasil), organização que reúne os titulares de cartórios de todo o país. Hoje, já crescidos e amadurecidos, estão os três em ótima forma e vivendo uma bela história de amor — o cartório, Brasília e Léa Portugal.

Raio X

Nome: Léa Emilia Braune
Portugal
Idade: 61 anos
Origem: Rio de Janeiro
Ano de chegada a Brasília: 1960
Profissão: Advogada
Estado Civil: Desquitada
Filhos: Arnaldo, Frederico Henrique e Gustavo Netos
Netos: Carlos Henrique, Maria Dulce, Isabel e Arthur

PIONEIROS



Lucídio Guimarães Albuquerque

Trabalho para viabilizar a meta máxima do governo JK

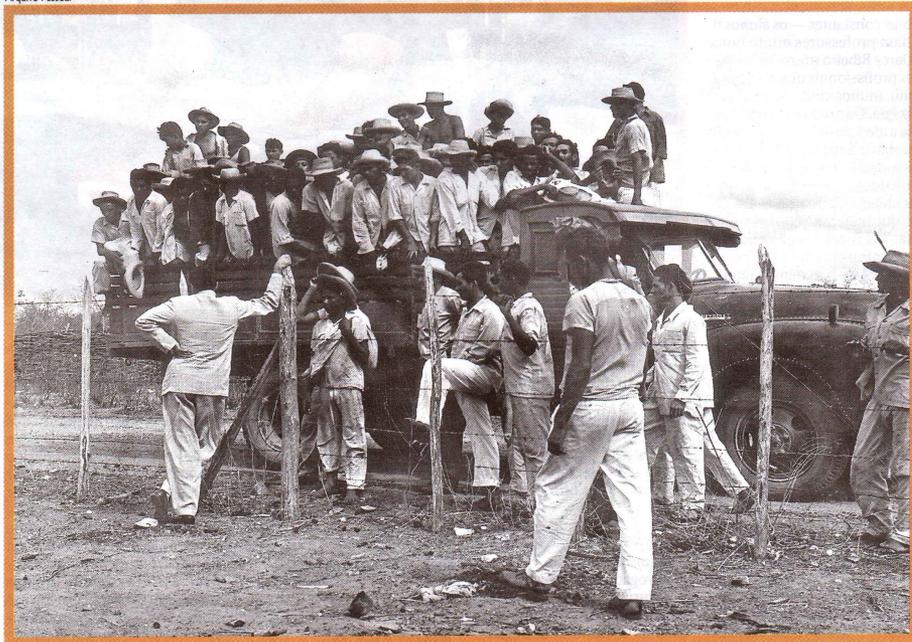
VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

Quando há uma mudança de endereço prevista, a primeira coisa a ser feita é a escolha do próximo local onde vai se morar. Com a transferência de uma capital federal não é diferente. Antes mesmo de Juscelino Kubitschek assumir a Presidência da República já havia gente por Brasília procurando um local em pleno Planalto Central para se construir a nova capital do país. Era a Comissão de Localização da Nova Capital, da qual o arquiteto e urbanista Lucídio Guimarães Albuquerque fez parte "com todo o orgulho".

O pioneiro Lucídio Albuquerque esteve aqui no Planalto Central, no local onde seria instalada Brasília, pela primeira vez em maio de 1955, quando nem estava decidido que a nova capital seria aqui. "Muita gente pensa que o local de Brasília foi escolhido sem nenhum critério, num palpite apenas para trazer a capital para o interior do Brasil. Mas isso não é verdade. Houve muito estudo antes de se decidir o local definitivo", afirma. Na realidade foi realizado um concurso entre vários sítios localizados em um raio de 50 mil quilômetros para ver qual seria o local mais apropriado para a construção de Brasília. "Era um concurso muito criterioso, no qual uma comissão avaliava dez itens descritos em relatório, fru-

Arquivo Pessoal



to de profundos estudos", lembra Lucídio. O arquiteto conta que "para evitar especulações imobiliárias, os sítios eram chamados por nomes de cor e os avaliadores nem sabiam onde estava cada sítio".

A região que mais acumulou pontos no final do concurso foi o Sítio Castanho, principalmente pelas suas condições climáticas, por sua topografia e pelo fácil

acesso rodoviário que a região oferecia. "O local escolhido e homologado pelo presidente Café Filho era o mesmo indicado pela Missão Cruls, em 1892", afirma o pioneiro, que levou um susto ao perceber como eram precisos os estudos do século XIX, "mesmo sem que eles tivessem muitos recursos tecnológicos."

Decidido o local, a comissão que Lucídio integrava perdeu o

sentido e foi transformada na Comissão de Construção e Mudança da Nova Capital, a mesma que, com a inauguração, seria a Novacap. O ano era 1956, Juscelino já era o presidente da República e agora Lucídio trabalhava na assessoria da Presidência. "Nosso trabalho era viabilizar o cumprimento das 33 metas do Plano de JK que culminariam na meta máxima: a

A QUANTIDADE DE GENTE QUE VINHA PARA BRASÍLIA, COM A ESPERANÇA DE TRABALHO E MELHORIA DE VIDA, IMPRESSIONAVA LUCÍDIO. NA FOTO, UM GRUPO QUE CHEGAVA DO CEARÁ

construção de Brasília", lembra, orgulhoso, porque "várias metas foram cumpridas antes do tempo previsto".

PIONEIROS

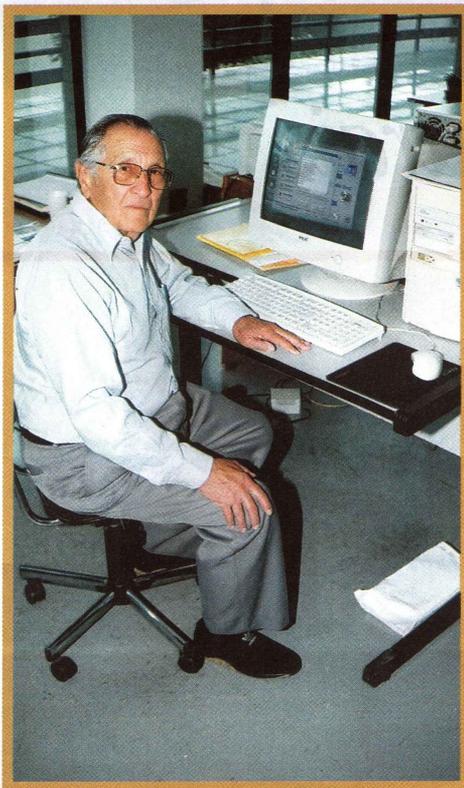
A ligação de Lucídio com Brasília data do tempo da escolha do sítio onde seria construída a cidade. Ele participou da Comissão de Localização da Nova Capital

**MESMO DEPOIS DE
PASSAR PELO
RITMO ALUCINANTE
DA CONSTRUÇÃO,
LUCÍDIO
PERMANECE
TRABALHANDO**

Nesse tempo, o arquiteto morava e trabalhava no Rio de Janeiro, mas vivia na ponte aérea entre a antiga e a nova capital. Ele viajava do Rio para cá em um bimotor do governo e a hospedagem era em um local improvisado. "Como o aeroporto ainda era apenas uma pista de pouso, os aviões não conseguiam nem pousar nem decolar à noite. O jeito era ficarmos todos hospedados aqui em uma cidade que não tinha nenhum hotel", lembra. O tal local improvisado, chamado de Avitel, era, na verdade, um enorme galpão onde os viajantes ficavam hospedados. "Eram quartos pequenos com banheiros individuais, perfeitos para apenas uma noite mesmo", descreve. O Avitel ainda tinha outra vantagem: era perto do canteiro de obras. "Para irmos para o canteiro, o caminho era por uma estrada que passava por onde hoje está o Lago Paranoá", afirma. Quando precisava ficar mais dias na cidade, o pioneiro ia se virando em acampamentos e casas de amigos. "Meu endereço era Brasília. E apenas isso", conta.

De mala e cuia

Somente há menos de um ano da inauguração, no final de 1959, é que Lucídio trouxe do Rio de Janeiro sua esposa e seus quatro filhos — o caçula, Luiz Henrique, já nasceu aqui, em 1961. "Não trouxe antes para mudar o menos possível a rotina de minha esposa e das crianças, que tinham colégio e outras atividades no Rio de Janeiro", explica Lucídio. O primeiro impacto para a família que chegava não foi dos melhores. Afinal de contas, a troca era de uma



capital federal bem estruturada, onde Lucídio tinha uma promissora carreira no magistério e os filhos tinham uma vida confortável. "Mas esse é o risco que o soldado enfrenta quando entra na guerra e vai transferido para uma cidade de fronteira. A família tem que ir junto com ele", compara Lucídio, que acabou tendo o apoio da esposa em sua aventura. Ainda comparando a construção de Brasília com uma guerra — pacífica é sempre bom frisar —, Lucídio afirma que "a missão não era simples e não terminava no dia da inauguração. Ela incluía estruturar uma cidade nova, a primeira ca-

pital do país genuinamente brasileira, construída somente por brasileiros e com valores nacionais em seus moradores", emocionou-se o soldado Lucídio.

Antes da inauguração, Lucídio era o responsável, entre outras coisas, pela elaboração do sistema de abastecimento alimentar da cidade. "Tínhamos que organizar o chamado cinturão verde para garantir, à nova capital, condições de reabastecimento alimentar", conta. Para isso, Lucídio e sua equipe criaram os 22 núcleos rurais. "Eram regiões na zona rural de Brasília que tinham que ser produtivas, com capacidade de escoamento

viário, central de abastecimento e até mesmo uma rede de supermercados", explica o arquiteto. Foi nessa fase que Lucídio criou a SAB. Depois de tanto suor, era chegado o dia da inauguração. Lá estava Lucídio Albuquerque com uma camisa branca de linho, comprada especialmente para a ocasião. "No melhor da festa veio uma adolescente e esbarrou de frente comigo com um sorvete de chocolate nas mãos. A camisa ficou manchada, mas está guardada comigo até hoje". Essa foi a medalha que Lucídio recebeu por ser mais um sobrevivente ao orgulho nacional que se tornou Brasília.

“**MUITA GENTE
PENSA QUE O
LOCAL DE
BRASÍLIA FOI
ESCOLHIDO SEM
NENHUM
CRITÉRIO, NUM
PALPITE APENAS
PARA TRAZER A
CAPITAL PARA O
INTERIOR DO
BRASIL. MAS ISSO
NÃO É VERDADE.
HOUE MUITO
ESTUDO ANTES DE
SE DECIDIR O
LOCAL
DEFINITIVO**”

Raio X

Nome: Lucídio Guimarães Albuquerque
Idade: 83 anos
Origem: Rio de Janeiro
Profissão: Arquiteto e urbanista. Atual assessor da Secretaria de Recursos Hídricos do GDF
Estado civil: Divorciado de Aspásia Souto Albuquerque
Filhos: Maria Lúcia, Luiz Carlos, Maria Beatriz, Luiz Fernando e Luiz Henrique
Netos: 12, que ele prefere não dizer os nomes para não errar
Bisneto: Gabriel
Ano de chegada a Brasília: Veio pela primeira vez em 1955, mas para morar, somente em 1959
Títulos: Condecorado pela Federação Nacional dos Engenheiros e Cavaleiro da Ordem do Mérito de Brasília.

PIONEIROS



Rubens Milton Pinto

Uma terra de muitas riquezas naturais

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

A visita do jovem engenheiro Rubens Milton Pinto a um colega que trabalhava na construção de Brasília no ano de 1958 o deixou impressionado com a imensidão do cerrado e a quantidade de obras na cidade. Uma semana foi tempo suficiente para este mineiro de Pouso Alegre se apaixonar pela nova capital, que, para ele, tinha dimensões comparáveis apenas ao império Chinês, de tão grandiosa.

Pouco depois de retornar a São Paulo, onde morava desde os oito anos de idade, o funcionário da Secretaria de Ação e Obras do estado descobriu, nos anúncios de jornais daquela época, a chance de trabalhar na obra do século. “Nos anúncios, as construtoras ofereciam empregos com salários dobrados (a famosa *dobradinha*), além de casa e comida de graça”, lembra o pioneiro.

Decidido, em outubro de 1959 estava de malas prontas para fazer a viagem mais importante de sua vida, contra tudo e contra todos. Os colegas achavam um absurdo a atitude de Rubens, que, até então, desfrutava de todas as regalias e direitos concedidos a um funcionário público concursado. “Você está louco? Deixar um emprego bom para se aventurar numa obra incerta?”, diziam os colegas, que, como muitos, também duvidavam da mudança da capital.

Com coragem e disposição, o engenheiro civil, formado pela Es-

Arquivo pessoal



cola Politécnica da Universidade de São Paulo, deixou na cidade a noiva — Beatriz — e a estabilidade de no emprego em busca de novos desafios no cerrado brasileiro. “O verdadeiro pioneiro é aquele que ajuda a criar uma nova rota, a construir uma nova cidade, conduzido pelo ideal e o sonho de progresso”, define o desbravador.

Impulsionado pelo sonho de construção da nova capital e da realização profissional, o engenheiro então arregaçou as mangas para dar início às obras no planalto e fazer jus ao título de pioneiro. O novo candango — contratado por uma construtora que prefere manter o nome em sigilo — foi o res-

pensável pela marcação das fundações da Torre de TV, pela construção das lajes de cobertura dos primeiros ministérios e pelo acabamento interno do prédio da Imprensa Nacional. Era tudo o que ele sempre sonhara: muito trabalho.

“Com a proximidade da inauguração, trabalhávamos dobrado em dois turnos de dez horas cada. A demanda por trabalhadores nessa época era muito grande”, conta Rubens. “O ritmo das obras era frenético e quase nunca para, pois faltavam apenas seis meses para a inauguração e havia muito para fazer. Eram obras para todo lado — o Congresso Nacional, os ministérios, prédios resi-

denciais para os funcionários, as pavimentações das vias públicas e estradas”, acrescenta.

Para conseguir um emprego melhor que não fosse de ajudante de obras, Rubens conta que os operários improvisavam um martelo na cintura para serem contratados como carpinteiros, “mas eles não levavam jeito, os pregos ficavam tortos e isso era motivo de gozação dos colegas”.

Algumas imagens do início da construção ficaram gravadas na memória deste pioneiro de 71 anos de idade, como as dos operários sendo transportados para as obras em caminhões abertos. “As quedas eram cons-

**RUBENS E BEATRIZ
ACOMPANHARAM A
CONSTRUÇÃO DOS
PRINCIPAIS PRÉDIOS
DA CIDADE**

tantes, porque eles sentavam nas beiradas e muitos se machucavam”, lembra. “Nessa época havia muita reclamação. As mulheres, principalmente, sofriam muito com a falta de estrutura da cidade. Conheci uma família recém-chegada do Rio de Janeiro que sempre reclamava daqui, mas não conseguia ficar nem quinze dias lá e logo já estava de volta a Brasília.”

PIONEIROS

Em 1959, o pioneiro largou um emprego estável como funcionário público do estado de São Paulo para se aventurar nas obras de construção da nova capital

DEPOIS DE TANTAS AVENTURAS, RUBENS HOJE TEM UMA VIDA CALMA. DEDICA-SE ÀS ARTES PLÁSTICAS E À NUMEROSA FAMÍLIA

“ O RITMO DAS OBRAS ERA FRENÉTICO E QUASE NUNCA PARAVA, POIS FALTAVAM APENAS SEIS MESES PARA A INAUGURAÇÃO E HAVIA MUITO PARA FAZER. ERAM OBRAS PARA TODO LADO — O CONGRESSO NACIONAL, OS MINISTÉRIOS, PRÉDIOS RESIDENCIAIS PARA OS FUNCIONÁRIOS, AS PAVIMENTAÇÕES DAS VIAS PÚBLICAS E ESTRADAS ”



Espécies raras

Em pouco tempo o engenheiro mudou de construtora. E em 1962, o bom desempenho nos trabalhos impressionou os funcionários da Embaixada Americana — uma das primeiras a se instalar em Brasília. A fluência no inglês e a autorização do presidente Juscelino Kubitschek para prestar os serviços facilitaram a entrada do pioneiro na embaixada. Lá, ele fiscalizava pequenas obras, fazia vistoria em casas e apartamentos para os funcionários recém-chegados e ainda prestava informações aos visitantes estrangeiros, sempre curiosos em relação à construção da nova capital.

Anos depois, o convite de uma construtora canadense o levaria a ocupar o cargo de engenheiro residente, com salários em dólares, na construção da Embaixada do Canadá — como um representante — em Brasília. Entregue a obra, o embaixador o convidou a permanecer por mais um bom tempo na embaixada para cuidar da manutenção do prédio, tamanho era o seu carisma e profissionalismo.

O novo morador a cada dia se impressionava mais com o ritmo de vida na capital e principalmen-

te com a riqueza do cerrado. Foi por meio das escavações do solo que o engenheiro descobriu que não era apenas o céu de Brasília que tinha seus encantos. O chão da cidade escondia pedras de rara beleza que encantavam os olhos dos trabalhadores vindos de outros países e aguçava a curiosidade de Rubens. “Uma vez, durante a execução das fundações de um prédio e em um tubulão (buraco para colocação de coluna) que estava sendo escavado foi encontrada uma formação de cristal de rocha com várias pontas unidas pelas bases. Foi meu primeiro contato com os cristais”, conta.

Durante a fiscalização das obras dos ministérios, Rubens conheceu de perto o trabalho da natureza local, que soube esculpir uma verdadeira relíquia: uma pedra redonda de cascalho em formato de uma bola de futebol, retirada da cachoeira do rio Paranoá. “O francês que trabalhava na impermeabilização das lajes dos ministérios ficou encantado com a pedra e a levou como presente”, relata.

Rubens ainda conta que os funcionários da embaixada americana

ficavam maravilhados com as tais pedras e compravam mesmo sabendo que não passavam de vidros. Todas as gemas eram analisadas minuciosamente por Rubens e o amigo Ugo Buresti, que chegou a comprar uma *balancinha* de precisão para pesar as semijóias.

A todo momento, o pioneiro se surpreendia com as espécies raras nativas do cerrado. Por várias vezes, ele se deparou com veados e seriemas quando ia para o trabalho. Era do cerrado também que o casal Rubens e Beatriz — eles se casaram um mês depois da inauguração de Brasília — buscava as espécies mais exóticas de flores e folhas para fazer o arranjo da decoração da casa.

Outra diversão do casal nos finais de semana era passear no aeroporto e no Brasília Palace Hotel, lugares onde as pessoas costumavam se encontrar. “Às vezes íamos passear na cachoeira onde hoje é a Barragem do Paranoá”, recorda saudosos o antigo morador da Vila Planalto.

Hoje, o pioneiro dedica boa parte do tempo às artes plásticas e à família — a esposa Beatriz e os cinco filhos.

Raio X

Nome: Rubens Milton Pinto
Idade: 71 anos
Origem: Pouso Alegre, Minas Gerais
Ano de chegada a Brasília: 1959
Profissão: Engenheiro
Esposa: Beatriz Tereza Rodrigues Maia
Filhos: Luciano, Renata, Isabela, Adriana e Marcelo
Netas: Bárbara, Juliana, Alessandra, Camila, Fernanda, Júlia e Sofia



A PRÓTESE DEVOLVEU A BETE ALGO MAIS QUE OS MOVIMENTOS: A ALEGRIA.

OFICINA DE ÓRTESES E PRÓTESES.

PRODUÇÃO DE
APARELHOS ORTÓPÉDICOS E
AUDITIVOS PARA PACIENTES
DE BAIXA RENDA.



A Bete perdeu parte do braço depois de um acidente. Os médicos logo sugeriram uma prótese, mas era caro e ela não tinha como pagar. Foi então que o hospital acionou o programa de **Órteses e Próteses** do GDF, destinado a pacientes de baixa renda. Em sua oficina própria, a Secretaria de Saúde já produziu mais de 4.000 aparelhos ortopédicos nos últimos 3 anos. Só até setembro

deste ano, 812 órteses e próteses foram confeccionadas e distribuídas, além de 750 aparelhos auditivos que serão entregues até 17 de dezembro. E mais: além de fabricar as peças, a oficina tem um fisioterapeuta que acompanha toda a fase de adaptação. A Bete não conseguiu conter a alegria. Sua prótese ficou perfeita e quase imperceptível. Pela foto você tem uma idéia.

GDF
GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL